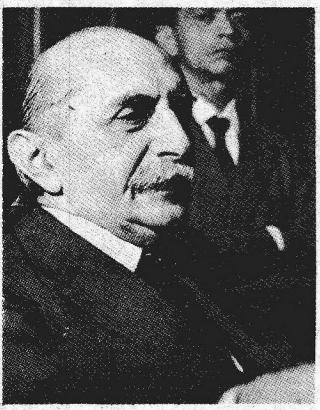


# Emoção no Senado e depois visita à UnB



Desde sábado, quando chegou a Brasília para dar início ao I Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília, o urbanista Lúcio Costa experimentou sucessivas emoções e durante todo, o tempo falou pouco, evitando inclusive o assédio de repórteres e fotógrafos. Ontem porém, o iniciar seu discurso no plenário do Senado Federal, sua emoção foi maior fazendo com que lhe tremesse a voz e lhe viessem lágrimas. O plenário e as galerias completamente lotadas - principalmente por arquitetos, professores e estudantes de arquitetura - irromperam em aplausos e, à frente do urbanista, fotógrafos e cinegrafistas insistiam em registrar todos os seus gestos.

Tirem essas luzes de cima de mim, pediu de um modo que fez todos rirem. Com isso, ele se descontraiu e continuou seu discurso sendo várias vezes interrompido pelos aplausos da assistência.

Antes de se dirigir à mesa diretora dos trabalhos, onde se encontravam o presidente do Congresso, Paulo Torres, o senador Catete Pinheiro e o governador Elmo Farias, Lúcio Costa lembrou o trabalho dos três brasileiros que, segundo ele, construíram Brasília: "o presidente Oliveira" (Juscelino Kubitschek), "o arquiteto Soares" (Oscar Niemeyer) e "o engenheiro Pinheiro" (Israel Pinheiro).

Referindo-se à "ala norte", "ala sul", "plataforma" e "setor

urbano" - termos hoje em desuso - Lúcio Costa continuou seu discurso criticando a falta de continuidade das obras previstas pelo plano piloto, enfatizando que não há necessidade de reformulação, "mas sim de atualizar e de criar condições para que o plano, alcançando sua plenitude, possa expandir-se, desenvolver-se". Declarou ter ficado chocado, antes mesmo de descer do avião, quando observou do alto, a ausência de árvores frondosas separando as superquadras.

Frisou que o crescimento da cidade ocorreu de forma anômala". Para o Plano Piloto estava prevista uma população de 500 a 700 mil habitantes e que só depois

de alcançado esse total é que se começaria a construção das cidades-satélites. Isto não pode ser feito porque os operários que afluíram para a construção aqui ficaram. Esperava-se que um terço deles voltasse para seus estados; um terço seria absorvido nas diversas atividades e o outro terço seria encaminhado para as atividades agrícolas. Mas, não foram construídas as fazendas modelos previstas.

As 15 horas de ontem, Lúcio Costa falou para uma audiência de alunos e professores num pequeno auditório do Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília. Ao final dessa palestra, que foi marcada pelo bom humor do urbanista, mais

um passeio foi acrescentado na agenda do ilustre visitante. Desta vez, ao campus universitário.

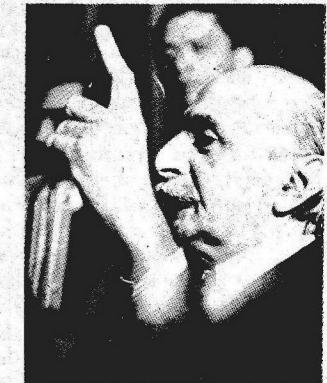
Como na abertura do Seminário sobre os problemas do Distrito Federal, às nove horas, Lúcio Costa falou com serenidade e emoção sobre o seu "plano piloto", abordando quase sempre os mesmos temas de que falaria no plenário do Senado Federal.

Dante das perguntas do alunos e professores, ele demonstrou mais uma vez sua fidelidade ao plano da cidade que criou e reforçava sempre não ter encontrado, razões para "reformulações que completem a ideia inicial do plano". Acha que está havendo uma certa dramatização em relação a muitos problemas que, na

realidade, são pequenos.

Perguntando sobre que ensinamentos de arquitetura se pode conseguir de Brasília, Lúcio Costa respondeu inicialmente que "seria ver como não proceder em determinadas circunstâncias". Em seguida, considerou achar válido o princípio das quadras - este seria um ensinamento -, afirmando que Brasília é um exemplo de como não urbanizar. O aconselhável é planejar a região para que a cidade se desenvolva espontaneamente, "como uma planta, uma flor" e não como uma coisa impositiva, como fazer uma cidade em três anos.

Abaixo, tudo o que Lúcio Costa falou no Senado.



## LÚCIO COSTA DISSE:

Atendendo a uma cortez intimação do senador Catete Pinheiro, uma intimação extremamente cortez, que veio se somar a um prévio convite do governador Elmo Serejo Farias, aqui estou nesta cidade, nesta cidade que inventei, nesta cidade que se adensou, que se transformou e que agora me surpreende pelo vulto, pelo sentido que adquiriu de verdadeira Capital do País.

É estranho o fato, essa sensação de quem uma simples idéia na minha cabeça se transformasse nessa coisa enorme, nessa coisa densa, imensa, viva, que é a Brasília de hoje (nesse ponto, Lúcio Costa, emocionado, pede silêncio por alguns instantes).

Bem sei que o que o preocupa e os congrega aqui não são divagações sobre os antecedentes de Brasília, já conhecidas, sobre a história de como a coisa ocorreu, nas os problemas atuais, os problemas do futuro de Brasília. Isso que os traz a esse seminário, oportunamente idealizado e posto em ação pelo Senado, pela Comissão do Distrito Federal.

Tenho a impressão de que antes de começarmos os trabalhos do seminário propriamente dito, será de todo conveniente que todos tenham presente o que foi a realização desta obra gigantesca, desta obra comum, de destaque fundamental para o país. Porque, se não tivermos no espírito a consciência desse lastro, em que Brasília se apóia, haverá sempre o risco de soluções e das proposições um tanto improvvisadas e capaz de desvirtuar as idéias fundamentais que orientaram o nascimento da cidade e que, tenho a impressão, se impõe preservá-las (as características fundamentais da cidade).

Mas, é justamente para reparar a coisa nessa perspectiva. O meu primeiro pensamento é voltado para aqueles que, de fato, construirão esta cidade. Primeiro, essa massa sofrida do nosso povo, que constitui o baldrame da Nação e que afluí para cá, a fim de realizar essa obra num prazo exiguo, com sacrifícios tremendos e com grande idealismo, apesar de terem sido atraídos inicialmente pela necessidade dia-a-dia, de conseguir mal um dinheiro para as suas famílias. Quer dizer, esse lastro, essa população que afluíu e que aqui está e que não quis voltar para casa, que aqui permaneceu e se espalhou e forçou essa inversão da ordem natural do planejamento, que era que as cidades-satélites viessem depois da cidade concluída, depois da Cidade adensada devidamente, e houve essa inversão; essa população não quis voltar, apesar de todas as previsões na época estabelecidas e planejadas para que, pelo menos, um terço da população regressasse, outro terço fosse absorvido pela própria atividade local e que, finalmente, o terceiro terço fosse absorvido em atividades agrícolas, pois era uma população de atividades rurais.

A NOVACAP, de início, teve o cuidado de estabelecer convênios com o Ministério da Agricultura para criar fazendas-modelo para periferia do Distrito Federal, do Plano Piloto, para absorver exatamente esta população. Mas, esse plano muito sensato desvaneceu-se, quer dizer, não foi levado avante, lamentavelmente como fantasias vezes ocorrer aqui em nosso país.

Mas, além dessa população, dessa contribuição, dessa mão-de-obra, desse amor dessa população que afluí aqui, o que desejo lembrar e marcar o meu reconhecimento, e que eu gostaria fosse o reconhecimento de todos os participantes do seminário, por três figuras, três personalidades que realmente tornaram viável essa idéia de num prazo extremamente curto criar a nova Capital.

### O Presidente Oliveira

Iniciamente, como todos têm no espírito, o presidente Oliveira, não reparou, o presidente Oliveira, como era conhecido então em Portugal, e em Portugal era um homem conhecido como o presidente Oliveira, e eu acho extremamente simbólico, de modo que, tive vontade de lembrar. O segundo, o arquiteto Soares, para homenagear o pai do Oscar Niemeyer.

O engenheiro Pinheiro, que, desprendendo do nome bíblico, parece até outra pessoa. Engenheiro Pinheiro só assim um pouco diferente. Mas essas três personalidades excepcionais fizeram Brasil.

Eu gostaria de caracterizar, através de minha experiência de contato, assim ligeiro com cada uma delas, a impressão que me deixaram. O Presidente, realmente, foi um homem de visão. Lembro-me que, quando fui começada a construção da cidade, eu propus a ele que não fizesse logo a Plataforma que era uma obra de vulto, uma obra dispendiosa, uma obra de proporções enormes, e que se concentrasse mais na construção de uma ala da cidade e fosse aos poucos estendendo essa ala, desenvolvendo parte por parte, assim no sentido horizontal. Ele viu-se para mim e disse: "Não Sr., eu fago questão de fazer essa Plataforma — são 600 metros. Eu faço questão de fazer essa Plataforma porque, se não fizer, haverá risco de feita no futuro ou ser protelada indevidamente, e isso eu sei que compromete a concepção do seu plano. A concepção do seu plano é baseada nesse cruzamento dos dois eixos em vários níveis. Sem a Plataforma, isso não funcionará, ainda que para o uso atual inicial da cidade de não seja de fato necessária".

E precisei fazer o superílio", ele me disse, "porque o necessário será feito de qualquer maneira. O superílio é que é preciso ser feito agora, porque será necessário amanhã, e se não for feito agora a cidade correrá o risco de afroiar-se, de não realizar-se na sua plenitude". Achei isso extraordinário, marco-me fundamental o espírito essa visão, essa coragem essa decisão do Presidente. Como complemento, disse-lhe ainda, noutra ocasião, que eu achava melhor deixar a Asa Norte para o futuro, para outras administrações fazerem. Mas ele viu-se para mim com aquele ar, assim um pouco infantil que às vezes ele tem, e disse: "Não, senhor, quero fazer e deixar a estrutura de ponta a ponta, teremos a cidade já montada e iluminada". No espírito dele, como uma criança, queria ver o brinquedo montado, aceso, iluminado, isso dentro do período exigido dos três anos da sua Administração. Achei isso de fato uma coisa fantástica de candura e de disposição, de idealismo, muito bonito da parte dele.

Oscar Niemeyer, um homem extraordinário, quem o conhece sabe do seu apego ao Rio de Janeiro, que

### Colinhas que acontecem

Eu teria pena que, durante este seminário, estas coisas, todo mundo preocupado com os cruzamentos, com umas colinhas que acontecem, com umas dificuldades, uma série de pequenos embargos, que essas coisas avultassem no espírito de todos. Que essas coisas que estavam querendo lembrar, inicialmente, com uma profunda gratidão, essa dedicação se transportou para cá e dedicou-se ao corpo e alma à obra e realizou essas construções fundamentais que caracterizam, que marcam Brasília; marcarão para sempre a Capital, apesar do crescimento da cidade, com aquela beleza espontânea, aquela beleza pura, aquela intenção de graca e pureza que é o característico de sua obra, da sua obra arquitetônica que é uma obra idealizada muito diferente de várias concepções arquitetônicas hoje em moda. São abordagens que encaro todas válidas, naturalmente, mas com outras intenções. Mas, a intenção dele, felizmente, era essa nesse período em que havia uma certa pureza formal sem prejuízo do aspecto das características orgânicas e funcionais de toda obra arquitetônica evidentemente. Mas, é um estilo pessoal dele, Niemeyer, e que marcou esta cidade, definitivamente, com estas obras que aí estão, este conjunto que eu tenho percorrido. Percorri primeiro com o senador Catete Pinheiro, depois voltei em vários momentos. Isto do espírito de muitas dessas pessoas que estão preocupadas com os problemas da cidade, isto são coisas cotidianas e que já não interessam mais, e os problemas são outros. Mas, acho que isto é muito importante para elevar o espírito e sentir que os assuntos de Brasília, não podem ser tratados de uma forma precipitada, não direi leviana, mas em todo caso, uma forma unilateral e que possa desvirtuar o que ela tem de fundamental e característico.

Agora, o nosso amigo Israel Pinheiro, uma pessoa que eu não conheço, é uma personalidade contraditória, mas criticada. No convívio de três anos que eu tive com ele, assim, bastante próximo, aprendi a admirá-lo, respeitá-lo. Fiquei gostando de Israel Pinheiro, e a sua energia, a sua dedicação de homem de ação, com todos aqueles riscos e perigos que implicam essa paixão executiva, como era a dele, e ele estava habituado a mandar, como fazendo, impor a sua vontade. Isso é um risco: E esse risco, justamente, aflorei em determinada circunstância.

Essa personalidade peculiar do dr. Israel Pinheiro aflorei durante certa fasa das obras, e isso era um risco, porque ele estava habituado, em Araxá, em Belo Horizonte, a alterar projetos, e fazer aquilo que a sociedade mais aceitável. De modo que, dentro da fase inicial dos trabalhos, essa maneira de agir criou certas dificuldades, porque ele tinha tendências a se permitir certas alterações, e criou impasses, às vezes, com Oscar Niemeyer. E, aí, mais uma vez, o Presidente revelou o administrador, o homem de fato, o administrador, o homem de governo que ele temia. Depois de certos episódios, fixou claramente o setor de cada um. Disse ele: "O que fará de arquitetura é o Oscar Niemeyer que delibera; de urbanismo é o Lúcio Costa; e de execução é sua. E, daí para diante, nada de interferências". Assim foi e correu tudo bem por diante.

### E preciso martelar

Antes de tratar dos casos mais específicos da cidade, postaria, justamente dentro desta mesma linha de pensamento, de contribuir para que os presentes, as pessoas que se congregaram para esse Seminário, de lembrar certas características fundamentais das concepções de Brasília. Embora conhecidas de modo geral, é preciso estar martelando um pouco para que essas poucas características próprias de Brasília estejam presentes.

Essas características de Brasília, qual são? O primeiro fato, do centro administrativo, de Brasília, sendo esta uma Capital, não estar no centro da cidade propriamente dito.

O normal seria um centro administrativo envolvido pela área urbana. Mas, na concepção de Brasília, o que caracteriza Brasília é que esse centro administrativo foi levado ao extremo da composição urbanística da cidade, de modo que, essa Praça dos Três Poderes — como eu chamei ao Plano Piloto, expressão que pegou, ficou e ficará para sempre, a Praça dos Três Poderes, essa Praça dos Três Poderes da Democracia — essa Praça onde esses Três Poderes são como que oferecidos ao povo, na extremidade, como na palma da mão de um braço estendido, e na Esplanada dos Ministérios, na palma da mão os Três Poderes são oferecidos ao povo.

Essas é a idéia simbólica algo romântica, talvez, essa idéia é uma das características do Plano de Brasília.

No meu espírito, quando tive essa intenção, de marcar essa posição da Praça era, em parte, com o objetivo de acentuar o contraste da parte civilizada, da parte de comando do país, da Nação. E, em contraste com a natureza agreste do cerrado.

### O cerrado e a Praça

A minha idéia, é que a natureza do cerrado viesse de encontro nesse arrimo triangular que caracteriza a Praça dos Três Poderes. É um triângulo equilátero. Os Três Poderes acentuados, cada um num vértice. Então, esse contato direto desse triângulo como o cerrado, no meu espírito romântico, um pouco romântico, eu imaginava que isso teria um sentido.

Esse cerrado representaria esse povo, essa massa de povo sofrido que é o baldrame da Nação.

Esse cerrado estaria ali e o poder da Democracia ofereceria ao povo. Essa idéia foi logo destruída, sem querer, pelas máquinas de trepanagem, que, quando dei por mim, já haviam arrasado, completamente, revolvidos a terra em volta da Praça dos Três Poderes. E o cerrado, como sabem, uma vez destruído não recupera. De modo que, agora, trata-se simplesmente de compor um fundo para a Praça, uma ocasião de sugerir a tempo, porque, afinal, não está muito satisfatório. Agüe fundo de vegetação que plantaram, indaguei, não se dá muito bem aqui. O pinheiral do Paraná, araucária. É um pinho que tem uma copa muito bonita e que se vai somando como os pinheiros de Roma. Com aquele verde escuro do pinheiral fará um belo contraste com os edifícios de mármore branco da praça. Esse aspecto, talvez no futuro se possa pensar. Essa é uma das características de Brasília: uma praça no extremo da cidade onde esta termina.

Outra característica é o fato da convergência das rodovias para o centro urbano, ou seja, habitualmente as estações rodoviárias são postas nas suas periferias. Então, os passageiros ali chegam, sofrendo o problema da saída para se transferirem para o sistema viário local urbano. Em Brasília, pelas características do traçado na concepção, esse centro rodoviário foi localizado no próprio coração da cidade — acho que esta característica deve ser mantida. Sinto que há uma certa tendência a desejar a criação de outras estações rodoviárias, talvez, fora ou na estrada de ferro ou da extremidade das duas alas. Mas, acho que, enquanto for possível manter a estação rodoviária na coração da cidade, devemos fazê-la. A idéia de que a estação rodoviária já está ficando saudade — conforme alegação do próprio Senador — não corresponde inteiramente à realidade, porque ela permanece saturada e está sendo utilizada para finalidades de outra natureza. Isto é, os ônibus estacionam indevidamente, abastecem e ficam como se estivessem numa garagem. Ali não é uma garagem, é uma estação rodoviária.

De modo que essa característica de Brasília deve ser mantida enquanto for possível.

### "As crianças estão ali"

Outra característica de Brasília, finalmente, é a criação das quadras. A criação das quadras é uma contribuição de fato original, é uma inovação, e eu tenho a impressão que, bem ou mal, deu resultado, embora não tenha sido levada avante de uma forma inteiramente satisfatória. Mas, essa idéia deve ser mantida, principalmente com construções e edificações de seis pavimentos e não mais. É fundamental que nessas quadras residenciais se evite inovações no sentido de gabarito mais alto a pretexto de maior densidade e etc... como ocorrerá certamente, no futuro.

De modo que acho que, se o Seminário puder prever bem a significado, a significância dessas quadras como área de vizinhança, como áreas em que o morador, apesar da massa das edificações, esse limite de seis pavimentos, estabelece uma certa intimidade a essas quadras, uma certa segurança em que as crianças estão ali, mas, estão sempre ao alcance das crianças estão ali, mas, estão sempre ao alcance das crianças. Transformar essas quadras em quartéis com grandes edifícios em altura, seria descharacterizar completamente a idéia fundamental de Brasília, que é criar áreas de vizinhança agradáveis, em que a pessoa se sinta, de fato, desprendida da área urbana. Essa característica ainda não avulsa visualmente, apesar de 13 ou 14 anos decorridos.

Fiquei chocado quando me aproximei e, lá da cabine do avião, não vi nenhum quadradinho verde e o que se imaginava no inicio é que William Holford, que foi o presidente da comissão julgadora, acentuou muito na época, que essas quadras arborizadas, densamente arborizadas na sua periferia, no seu enquadramento dava um aspecto à cidade, um caráter incompleto.

É fácil imaginar todas essas quadras cercadas de massa pesada, de vegetação de copa densa. Sugiro até que essa vegetação seja bastante uniforme e que proporcione que seja unicamente ficus, ficus religiosa, que é uma árvore muito bonita, de folha mole e copa densa: ficus benjamina, ficus microcarpa. São três tipos de ficus que deveriam constituir essas molduras, esse enquadramento verde, para definir de um modo mais íntimo, de ar mais puro. Seria uma vantagem enorme, eu lamento que não tenha sido, apesar das constantes solicitações que se fizeram durante as sucessivas administrações. Aliás, no começo, quando acho que devemos agradecer os construtores de Brasília, o nosso apreço, a nossa gratidão; mesmo às sucessivas administrações que houve na cidade, a NOVACAP, aos prefeitos, aos governadores. Cada um contribuiu com o que pôde, da melhor maneira, com a melhor das intenções, embora, uma vez ou outra, essas intenções não correspondessem, exatamente, aos propósitos iniciais. Mas, em todo caso, houve uma contribuição enorme; e isso é uma coisa que não pode deixar de ser assimilada, aqui. Essas idéias das quadras é fundamental ter presente e procurar defender da melhor maneira possível, para evitar que no futuro a cidade possa ser descharacterizada. Tanto mais, o objetivo também vai contribuir e manter a horizontalidade nesses seis quilômetros de cada lado, para que o centro urbano, então, se defina em altura no centro dos cruzamentos dos eixos. Agora, como havia sido aterrado, lembrando o senador, lembrando que a cidade havia sido concebida em função das três escadas. Aqui se acresce uma quarta escada e, no fundo, as três escadas como o Três Mosqueteiros eram quatro: a Escada Geral, a Monumental, a Cofidiiana e a Bucólica. A Escada Bucólica é importante, pois eu, percorrendo a cidade em sua periferia, verifiquei que a idéia inicial de não se construir a cidade ao longo do lago, mas sim recuar para permitir que a orla do lago pudesse ser utilizada com clubes para hora de recreio, devaneio, não foi respeitada. Essa era a quarta escada.

Há uma série de problemas que precisam ser focalizados e que, naturalmente, o Seminário nos dará oportunidade de defini-los.

minha idéia, é que a natureza do cerrado viesse de encontro nesse arrimo triangular que caracteriza a Praça dos Três Poderes. É um triângulo equilátero. Os Três Poderes acentuados, cada um num vértice. Então, esse contato direto desse triângulo como o cerrado, no meu espírito romântico, um pouco romântico, eu imaginava que isso teria um sentido.

minha idéia, é que a natureza do cerrado viesse de encontro nesse arrimo triangular que caracteriza a Praça dos Três Poderes. É um triângulo equilátero. Os Três Poderes acentuados, cada um num vértice. Então, esse contato direto desse triângulo como o cerrado, no meu espírito romântico, um pouco romântico, eu imaginava que isso teria um sentido.

minha idéia, é que a natureza do cerrado viesse de encontro nesse arrimo triangular que caracteriza a Praça dos Três Poderes. É um triângulo equilátero. Os Três Poderes acentuados, cada um num vértice. Então, esse contato direto desse tri